

# Recessão ainda é tida como improvável

De São Paulo

A avaliação do ex-presidente americano Bill Clinton é de que não é possível ainda saber se a economia dos EUA vai entrar em recessão. Ele considera improvável, com os dados atuais, que ocorram dois trimestres seguidos negativos no seu país, o que tecnicamente define a recessão.

No entanto, os efeitos de crises em mercados financeiros às vezes só são sentidos em sua totalidade alguns anos depois. Foi o caso, por exemplo, da recessão de 1989-1990 que, a seu ver, foi em grande parte ocasionada pelo "crash" da Bolsa em 1987.

A desaceleração da atividade econômica americana este ano é, na análise de Clinton, o resultado das quedas registradas nas Bolsas no ano passado, em especial no valor das ações das empresas da Nova Economia.

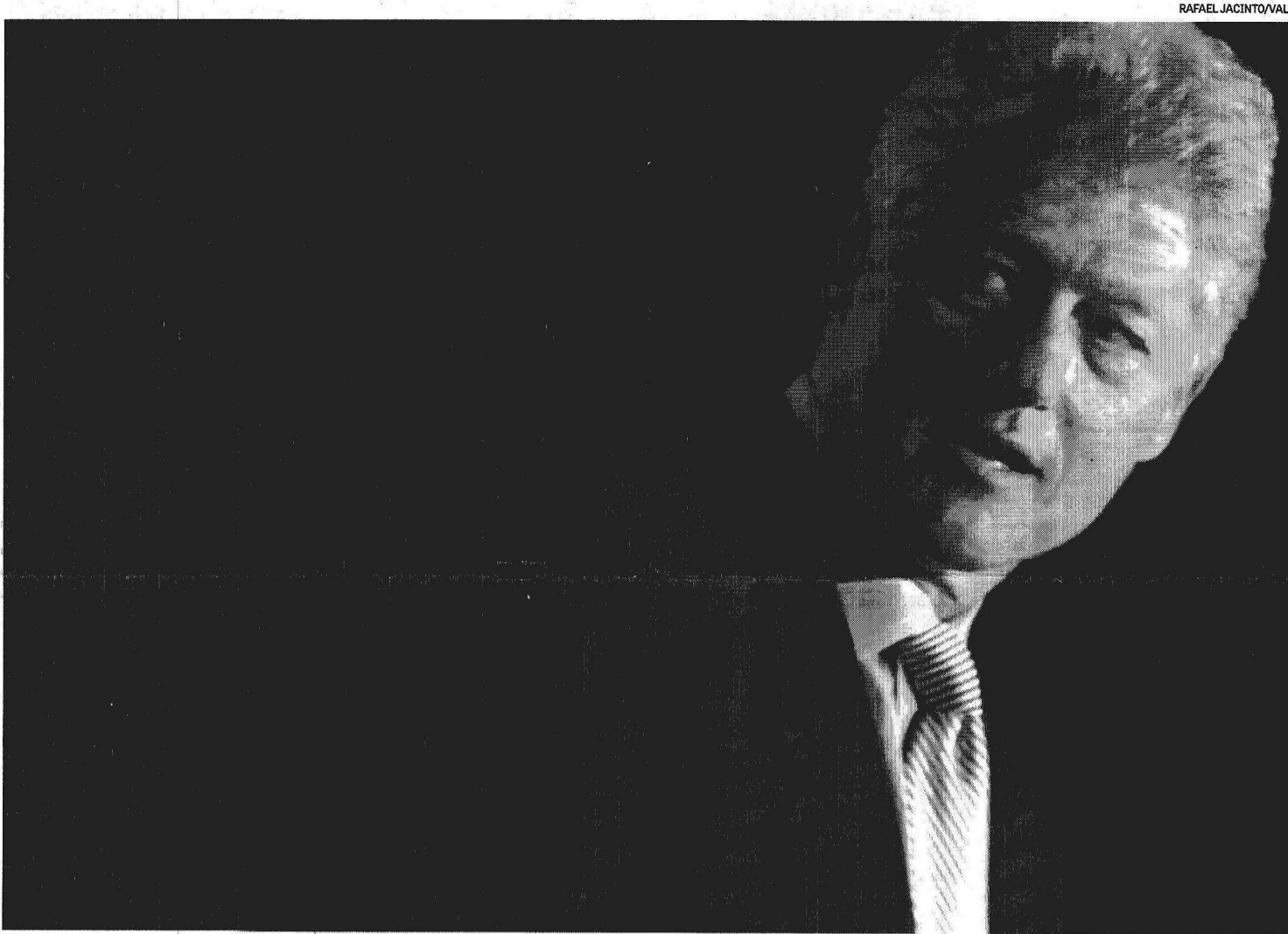
Embora boa parte das perdas nessa ocasião sejam sobre uma riqueza contábil, elas acabam tendo conseqüências na confiança de consumidores. Clinton admite que, mesmo se tivesse sido eleito para um terceiro mandato (que a Constituição proíbe), a retração da economia poderia ter ocorrido.

Havia, segundo ele, uma excessiva exuberância na valorização das empresas de internet. Em alguns casos, justificada, já que, mesmo sem serem lucrativas, elas aumentavam a produtividade de conglomerados econômicos.

Ainda é cedo, na sua opinião, para avaliar qual o impacto total que a desvalorização das ações de empresas da Nova Economia terá sobre as expectativas dos americanos. Mas ele prevê que o desemprego deverá se elevar e isso pode ter resultados negativos. No entanto, o ex-presidente considera que os fundamentos da economia americana continuam sólidos. Se prosseguirem assim e se a confiança do consumidor se mantiver alta, como os mais recentes indicadores parecem demonstrar, o perigo de recessão poderá ser afastado.

Em relação a esse ponto específico, Clinton acha que o atual governo pode ter exagerado nos alertas que deu ao país pouco antes e logo após a posse (em janeiro último) sobre os perigos que havia pela frente.

Seu objetivo, politicamente justificável, era preparar terreno na opinião pública para uma possível recessão, legitimar a proposta de corte de impostos, que era essencial em sua plataforma eleitoral, e tentar se eximir da responsabilidade pelas possíveis más notícias. Mas uma ênfase excessiva nessa estratégia pode acelerar o desaquecimento.



Bill Clinton, que esteve ontem em São Paulo, disse que os EUA devem estar preparados para ajudar a Argentina caso crise se deteriore ainda mais